

Alice Barbieri de Carvalho; Gabriela Sandoval da Silva; Taynna Tatiane Pereira; Valeria Armentano dos Santos; Flavia Manfredi Cavalcanti; Daniella Cristina de Oliveira

Hospital Israelita Albert Einstein

Introdução

A dor oncológica pode ocorrer em 30% dos pacientes. Tem como causa diversos fatores, como: efeitos diretamente relacionados ao tumor e efeitos decorrentes do tratamento, além de ter um grande impacto na qualidade de vida dos pacientes. Segundo a abordagem proposta pela OMS o tratamento farmacológico da dor oncológica deve ser realizado de acordo com sua intensidade, tendo indicação de opióides fortes, como a morfina, em dores intensas. Dos pacientes com dor oncológica de 45 a 56% apresentam dor moderada ou intensa, por esse motivo se faz importante o estudo do uso da morfina nesses pacientes

Casuística e Métodos

O estudo teve com objetivo verificar o perfil dos pacientes em uso morfina nas unidades de internação oncológica.

Trata-se de um estudo quantitativo, documental, retrospectivo e descritivo realizado com pacientes internados nas unidades de internação Onco-Hematológica em um Hospital de Grande Porte no Estado de São Paulo, que durante a internação fizeram uso de morfina, no período de janeiro de 2019 a janeiro de 2020. A coleta de dados deu-se por intermédio dos prontuários eletrônicos dos participantes do estudo. Para isso, foi utilizado um instrumento de coleta elaborado pelos próprios autores. A análise descritiva dos dados qualitativos foi baseada na frequência absoluta e porcentagens, as quantitativas por meio de medidas resumo, histogramas e boxplots.

Resultados

A porcentagem de homens e mulheres no estudo se mostrou semelhante com média de idade igual a 68 anos, 76% dos participantes do estudo apresentaram metástase. 50% dos pacientes já utilizavam analgésicos previamente a internação, durante a internação foi observado uma baixa adesão a terapias não farmacológicas e um grande número de associações medicamentosas com a morfina visando o controle da dor. Nesse estudo foi constatado a falta de registro da dor, esse dado estava faltando para 76 pacientes no início da terapia. Dentre os com a medida, a mediana foi de sete no início da internação e seis no fim. Como características da utilização da morfina foi observado que 4,5% utilizaram oral, 3,8% utilizaram subcutânea, 0,8% bochecho e 93,2% intravenosa. Para os que utilizaram intravenosa, a forma de infusão contínua predominou. O tempo de utilização teve como mediana sete dias. Em relação aos efeitos adversos o mais comum foi constipação (58,8%), seguido de boca seca (25,0%) e agitação (2,9%). Foram encontradas 438 interações medicamentosas, dentre elas a mais comum foi com Ondansetrona (17,1%), seguida de Midazolam (10,5%), Haloperidol (10,3%) e Metoclopramida (8,2%).

Tabela 5. Ocorrência de eventos adversos (N=133)

| Houve evento adverso | n (%) |
|----------------------------|------------|
| Não | 81 (60,9%) |
| Sim | 52 (39,1%) |
| Número de eventos adversos | |
| 0 | 81 (60,9%) |
| 1 | 38 (28,6%) |
| 2 | 12 (9,0%) |
| 3 | 2 (1,5%) |

Tabela 7. Ocorrência de interação medicamentosa (N=133)

| Houve interação medicamentosa | n (%) |
|-------------------------------------|-------------|
| Não | 6 (4,5%) |
| Sim | 127 (95,5%) |
| Número de interações medicamentosas | |
| 0 | 6 (4,5%) |
| 1 | 21 (15,8%) |
| 2 | 23 (17,3%) |
| 3 | 25 (18,8%) |
| 4 | 17 (12,8%) |
| 5 | 26 (19,5%) |
| 6 | 9 (6,8%) |
| 7 | 4 (3,0%) |
| 8 | 2 (1,5%) |

Tabela 8. Características das interações medicamentosas (N=438)

| | |
|----------------------------------|--------------|
| Gravidade da interação | |
| Média gravidade | 18 (4,1%) |
| Alta gravidade | 420 (95,9%) |
| Total | 438 (100,0%) |
| Tipo de interação | |
| Farmacodinâmica | 434 (99,1%) |
| Farmacocinética | 4 (0,9%) |
| Total | 438 (100,0%) |
| Houve manejo da interação | |
| Não | 438 (100,0%) |
| Total | 438 (100,0%) |

Conclusões

Não foi demonstrado diferença significativa entre pacientes hematológicos e de tumores sólidos, o que está de acordo com a literatura encontrada. A forma de utilização da morfina esta condizente com as posologias e vias de administração e efeitos adversos encontradas na literatura, o que demonstra a utilização padronizada. A avaliação da dor se demonstrou ineficaz para avaliação dos pacientes, pois a falta dessa informação dificulta ainda mais o controle da dor, visto que se utiliza a avaliação para o manejo desse sintoma. Sugere-se pesquisas sobre aplicação de ferramentas de avaliação da dor e ainda sobre o impacto da aplicação de terapias integrativas na dor oncológica.

Referências

- World Health Organization Collaborating Center for Policy and Communications in Cancer Care. Pain in children with cancer: the World Health Organization - IASP guidelines. *Cancer Pain Relief* 1999;12(1).
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR); MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR); INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. Cuidados paliativos oncológicos: controle da dor. 2001.
- FREIRE, Maria Eliane Moreira et al. Qualidade de vida relacionada à saúde de pacientes com câncer em cuidados paliativos. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 27, n. 2, 2018.
- SILVA, Ledismar José da; MENDANHA, Diego Machado; GOMES, Patrícia Pádua. The use of opioids in the treatment of oncologic pain in the elderly. **BrJP**, v. 3, n. 1, p. 63-72, 2020.
- VIEIRA, Cláudia; BRÁS, Marta; FRAGOSO, Maria. Opióides na Dor Oncológica e o seu Uso em Circunstâncias Particulares: Uma Revisão Narrativa. **Acta Medica Portuguesa**, v. 32, n. 5, 2019

Contato

Alice Barbieri de Carvalho - alice.bc@hotmail.com

Hospital Israelita Albert Einstein – Farmácia da Oncologia